Interação verbal: gêneros discursivos e outras considerações

Neiva Maria Tebaldi Gomes[1]

Resumo: As reflexões teóricas que tecem este artigo, inscritas em teorias enunciativas, enfocam o fenômeno social da interação verbal, visando aprofundar a compreensão das formas através das quais as enunciações se concretizam – os gêneros do discurso. Considerações e recortes epistemológicos – Saussure, Benveniste, Bakhtin, Bazerman, entre outros – objetivam situar teoricamente estudos que têm tomado como objeto de investigação essa diversidade de formas discursivas que decorrem das diferentes esferas de atuação humana. O objetivo último desses estudos é o de buscar subsídios que possam contribuir com o aperfeiçoamento dos processos de ensino e aprendizagem no tocante ao desenvolvimento de competências sócio-interativas que se processam pela linguagem verbal.

Palavras-chave: enunciação - interação- gêneros do discurso - heterogeneidade discursiva - ensino.

Interação verbal e enunciação

> "A principal razão de ser de qualquer acto lingüístico é a produção de sentido" (Emília R. Pedro)[2].

Se o gesto de Saussure – isolar a estrutura da língua de qualquer substância – foi o salto epistemológico que permitiu a definição dos fatos lingüísticos a partir de noções de estrutura e de sistema, não menos relevante para os estudos da linguagem foi o olhar de Bakhtin voltado à instância que coloca o propriamente lingüístico em conexão com os enunciadores e o mundo. Deslocando a perspectiva de observação, Bakhtin ensina que a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações[3]. Expoentes de olhares distintos sobre uma mesma realidade complexa – a língua –, criaram objetos diferentes[4], legando-nos formulações sobre as quais continuamos a nos debruçar, tendendo, ora para as saussurianas – se o fato que buscamos investigar é de natureza mais estrutural –, ora para as bakhtinianas – se o que buscamos entender é um fenômeno relacionado ao uso da língua.

Se a abstração da materialidade lingüística (a fala) produziu o sistema significante como objeto teórico da Lingüística, a atenção sobre a interação de um sujeito com outro – o social onde a língua se constitui e evolui – permitiu definir e, portanto, estudar a

---

[1] Dr. em Letras (UFRGS) – Professor titular Centro Universitário Ritter dos Reis – UniRitter.
[2] FARIA, Isabel Hub, PEDRO, Ribeiro E. et al (orgs). p. 449.
[3] Bakhtin:1999, p. 123.
[4] *Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto*; [...]. SAUSSURE, p. 15 - 16.

enunciação como a essência lingüística. Assim, sem abandonar a base lingüística estrutural, mas construindo sobre ela, abre-se, assim, um leque de possibilidades de estudos enunciativos e discursivos.

Em busca de respostas para perguntas como *O que é o sentido?, O que é uma língua?*, Benveniste introduz o sujeito no estudo da língua, tornando a descrição da subjetividade possível por um aparato lingüístico formal[5]. Mostrou que a enunciação, esse *colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização*[6], constitui um processo no qual quem se enuncia se enuncia diante do outro e o faz com um determinado propósito e em uma determinada situação. A partir desse ato individual, Benveniste buscou a universalidade do processo da enunciação, definindo-a no quadro formal de sua realização. Descreveu a enunciação como a instância que promove a existência de certas classes de signos, como pronomes e advérbios, cujos referentes se atualizam no próprio processo enunciativo. Também evidenciou em suas reflexões que categorias como a de tempo somente se definem na enunciação. Considerou, além do ato individual de um locutor que ao constituir-se como tal implanta o outro diante de si, o próprio ato que serve de propósito para uni-los, as situações em que se realiza, bem como o modo de ação que se realiza pela língua. Esses estudos de Benveniste enfocam a enunciação pelo aspecto lingüístico constitutivo da relação do locutor com a língua.

Embora o faça objetivando estudos gramaticais, mais especificamente, descrever elementos para uma gramática da comunicação, Mira Mateus[7] também define enunciação como um processo que tem por finalidade a utilização de um sistema lingüístico qualquer para a produção de sentido. A autora lembra que considerar a língua por essa perspectiva significa ir além da descrição do plano significante e significativo e reconhecer os vários níveis que determinam e regulam o sentido na utilização da linguagem verbal. Ao considerar fatores pragmáticos da interação, além dos fatores constitutivos, estabelece uma relação entre enunciação e interação. Compartilhando, de algum modo, o sentido de troca e pressupondo ambos os processos a presença do outro, o primeiro define-se como o ato ou efeito de enunciar-se diante do outro, oralmente ou por escrito; o segundo refere-

---

[5] Para uma visão mais completa ver BENVENISTE (1989). O aparelho formal da enunciação. cap. 5, p.p. 81-90; BENVENISTE (1995). Quinta parte - O homem na língua, p.p. 247- 306.
[6] BENVENISTE. 1989, p. 82.
[7] MIRA MATEUS, M.H. M et.al. p. 161.

se à atividade ou trabalho compartilhado, em que existem trocas e influências recíprocas, podendo essa atividade também significar comunicação entre pessoas, diálogo. A interação, nesse sentido, remete ao fenômeno verbal que se processa por enunciações sucessivas.

Também focando o fenômeno da troca verbal, Emília R. Pedro[8], reconhece que a interação não ocorre no vazio, antes implica um conjunto específico de componentes que a tornam pertinente e adequada. Falamos com alguém num espaço e num tempo concretos, em determinadas situações, ajustando os modos de falar aos nossos interlocutores, às características locais em que nos encontramos, às situações em que estamos envolvidos e às instituições onde nos integramos. Isso implica, necessariamente, sermos capazes de desempenhar determinados papéis lingüísticos e discursivos, definidos, fundamentalmente, por sua natureza social. O desempenho desses papéis requer a capacidade de fazer escolhas lingüísticas e discursivas apropriadas ao contexto e à situação de interação.

Como componentes fundamentais da interação verbal, Emília R. Pedro aponta os *atores*, o *contexto* de *situação e o registo* (registro, no uso brasileiro). Os *atores* – locutor/alocutário, falante/ouvinte –, constituídos na matriz de suas experiências, desempenham papéis de acordo com regras situacionais e institucionais que os transcendem, mas que eles têm que interiorizar para adequar seu comportamento às normas sociais vigentes. Segundo a autora, a sensibilidade da língua ao *contexto de situação* ultrapassa o léxico e o que parece ser crucial é o modo como o vocabulário particular é ordenado em enunciados e que tipos de enunciados daí resultam. A noção de *registo* (registro), que ajuda a clarificar a inter-relação da linguagem com o contexto, é apresentada com três conceitos básicos – *campo*, *conteúdo* e *modo*.

O conceito de *campo* refere-se à própria atividade em que os enunciados se inscrevem. Esse conceito parece encontrar correspondência com o de esferas da atividade humana que, segundo Bakhtin[9], por mais variadas que sejam estão sempre relacionadas com a utilização da língua[10].

---

[8] FARIA, Isabel Hub, PEDRO, Ribeiro E. et al (orgs), p. 452.
[9] BAKHTIN. 2000, p. 279.
[10] Para a discussão *esfera/campo*, ver GRILLO, in: BRAIT Beth (org.), 2006. p.p. 132-160.

O *conteúdo* corresponde à espécie de relação social desempenhada *no* e *pelo* texto. Essa noção ilumina o modo pelo qual as escolhas lingüísticas são feitas, não apenas pelo tópico ou assunto de comunicação mas também pela espécie de relação social no interior da qual a comunicação tem lugar.

O *modo* é o termo que, juntamente com campo e conteúdo, ajuda a articular as relações entre uma dada instância da linguagem em uso e o seu contexto situacional. A linguagem é também sensível aos meios de comunicar e isso significa que a adoção de modos alternativos de comunicação no seio de uma comunidade tendem a ter repercussões nos usos já instituídos.

Discorrendo sobre fatores institucionais que interferem nas formas de interação, Emília R. Pedro diz que a linguagem, como prática social, é regulada por convenções discursivas subjacentes. *Assim, a competência comunicativa do sujeito falante implica o conhecimento e a interiorização não apenas de fatores contextuais e situacionais, mas das componentes institucionais que sancionam uma determinada actuação*[11]. Com efeito, segundo a autora, os usos lingüísticos possíveis resultam não apenas de um conhecimento abstracto das formas lingüísticas e de uma inserção geral numa sociedade abstratamente considerada, mas da capacidade de atuar pertinentemente em espaços e tempos institucionalmente condicionados, inseridos em ordens discursivas e convencionais particulares.

Segundo Mira Mateus[12], a constatação de que, num processo de interação, qualquer produção verbal significa mais do que a interpretação do conteúdo proposicional de cada uma das frases que constituem o enunciado, faz deslocar a atenção do plano puramente lingüístico para o processo de interação verbal, de modo a encontrar elementos que no plano do uso são reguladores da significação de um enunciado. Voltando a Bakhtin[13], a língua em si mesma é indiferente, é sempre auxiliar e não tem finalidade, serve indiferentemente à cognição, à arte, à comunicação prática, etc. Servimo-nos da língua. Com ela comunicamos, interagimos. O produto da interação verbal, o enunciado, assume uma forma, ou seja, um gênero discursivo que é

---

[11] FARIA, Isabel Hub, PEDRO, Ribeiro E. et.al. (orgs), p. 460.
[12] MIRA MATEUS, M.H. M et.al. p. 162.
[13] BAKHTIN. 2000, p. 207.

determinado pelo conteúdo, pela finalidade e pelo lugar de onde é produzido o ato comunicativo.

Gêneros discursivos

Ressalvados os estudos clássicos dos gêneros literários e os que foram realizados no campo da retórica[14], os estudos lingüísticos mais recentes sobre gêneros procedem, de alguma maneira, do pensamento bakhtiniano. Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, mais especificamente no capítulo 6 − *A interação verbal* − delineiam-se já reflexões sobre as formas de interação que se configurariam em *Estética da Criação Verbal* como *gêneros do discurso*. A natureza social dessas formas parece ficar já definida na seguinte passagem: *A modelagem das enunciações responde aqui a particularidades fortuitas e não reiteráveis das situações da vida corrente. Só se pode falar de fórmulas específicas, de estereótipos no discurso da vida cotidiana quando existem formas de vida em comum relativamente regularizadas, reforçadas pelo uso e pelas circunstâncias*[15]. Os gêneros constituem, assim, uma espécie de contrato de comunicação cujas formas se consolidam no uso.

Bakhtin distingue formas que procedem das relações sociais da vida cotidiana – os gêneros primários – das que resultam de esferas do pensamento mais elaborado, como as da literatura, da ciência e das artes em geral – os gêneros secundários. Mas foi estudando a constituição e a natureza de manifestações mais elaboradas que Bakhtin chamou atenção para a heterogeneidade de discursos e formas que decorrem do uso da língua em diferentes esferas da atuação humana. Uma das contribuições do filósofo parece residir, assim, justamente no fato de suas reflexões terem despertado interesses múltiplos sobre essa diversidade discursiva que entra tanto na constituição das formas mais elaboradas quanto na própria constituição das relações humanas.

Neves[16], consegue fazer bem a distinção entre o enfoque clássico e o atual dos gêneros e, portanto, definir a contribuição deixada por Bakhtin, sem desmerecer o legado da tradição e sem correr o risco de colocar todos os estudos no mesmo nível.

---

[14] Para uma revisão de estudos da tradição, ver NEVES, in.: GOMES L. e GOMES, N.T. (orgs.): Gêneros, ontem, hoje e sempre.
[15] BAKHTIN. 1999, p. 125.
[16] NEVES, in.: GOMES L. e GOMES, N.T. (orgs.), p. 56-57.

> Falar de gêneros, hoje, na era da Lingüística, é ter como foco a interação pela linguagem, enquanto falar de gênero, em Aristóteles, era falar do objeto 'poética' ou do objeto 'retórica', tendo como foco o 'dizer bem com a linguagem'. [...] Com efeito, falar de gêneros, em Lingüística, pelo menos pretensamente, é fazer ciência, e com Aristóteles era, declaradamente, fazer Arte (com a poética e com a retórica), ao mesmo tempo que fazer filosofia (no próprio exercício da dialética).

Na esteira das reflexões encontradas em Bakhtin, muitos desdobramentos já foram feitos, mas em todos parece ficar evidente que estudar gêneros, em Lingüística, consiste em abordar a linguagem pela perspectiva da heterogeneidade de formas e discursos que resultam do fenômeno da interação verbal. O aprofundamento desses estudos leva à explicitação do percurso sócio-histórico dos gêneros do discurso, exigindo um olhar mais interdisciplinar, como o faz Bazerman[17], por exemplo, que recorre a estudos de outras ciências sociais. Como formas resultantes das diferentes esferas de atuação humana, as possibilidades de abordagem são múltiplas: como surgem novos gêneros, como se modificam e como se transformam; a função dos gêneros e a relação gênero e suporte; as práticas sociais e a heterogeneidade discursiva; os gêneros quanto à margem de flexibilidade ou de subjetividade que propiciam; a relação domínio de gêneros e graus de letramento; a apropriação de gêneros como instrumentos de ação e inserção social e inúmeras outras.

Entre as possibilidades de desdobramento está o esforço de estabelecer tipologias discursivas, tarefa que tem se revelado quase impossível, uma vez que pesquisadores, como Marcuschi, já perceberam que as formas resultantes das interações verbais ora classificam-se por esfera de produção e circulação (discursos jornalísticos, científicos, pedagógicos etc.), ora por sua maneira de transmissão (autoritários, lúdicos, plásticos etc.), ora por temas (econômicos, políticos, políticos, religiosos etc.). Quando o empreendimento é uma tentativa de classificação, há que se considerar que qualquer iniciativa dessa natureza esbarra sempre na tensão entre o individual e o social.

Em Bakhtin, não há uma tipologização dos gêneros, exceto a distinção primários e secundários. Há, no entanto, indicações de sua constituição: construção composicional,

---

[17] 2006(a) e 2006(b).

tema e estilo. A construção composicional diz respeito à organização estrutural do enunciado/texto: como inicia, como se desenvolve e como termina; como as informações se apresentam no texto. O tema é sempre único como a enunciação; é dialógico e dinâmico. Manifesta-se tanto por elementos verbais quanto por outros não verbais e situacionais. O estilo caracteriza-se pela seleção de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais. E embora os gêneros possam ser caracterizados por um certo estilo, o estilo individual do locutor que se responsabiliza pelo enunciado não pode ser anulado.

Outra questão que tem suscitado questionamentos é a própria denominação dessas formas: em alguns estudos conserva-se a denominação que está lá em Bakhtin, *gêneros do discurso*; em outros, o sintagma usado é *gênero textual*. Sem uma conclusão definitiva ainda, os adjetivos que distinguem os dois sintagmas parecem apontar para a perspectiva pela qual o fenômeno é observado. Nos estudos que conservam o rótulo bakhtiniano, embora se trate também de formas que se constroem socialmente no exercício da interação verbal, a ênfase reflexiva parece recair sobre os discursos e sua constituição sócio-histórica; nos estudos que utilizam o sintagma *gênero textual* para referir-se a essas formas, o interesse pela materialidade lingüística, organização e função textual (comunicativa e pragmática) parece predominar.

Relendo textos de estudiosos do assunto com o objetivo de verificar se entre as duas formas de denominação do mesmo fenômeno lingüístico revelam-se diferenças no tratamento do objeto teórico *gêneros,* encontramos algumas considerações. Em Rojo[18], há um questionamento explícito: *Gêneros de texto ou de discurso?* Contrapondo posicionamentos teóricos, a autora diz que na designação *gênero textual* há sempre uma finalidade descritiva textual (descrição de textos, gêneros e contextos, etc) e que aqueles que se filiam à vertente bakhtiniana dos *gêneros discursivos* partirão sempre de uma análise em detalhes de aspectos sócio-históricos da situação enunciativa. Machado[19], quando discute a relação gêneros da tradição e gêneros em Bakhtin, diz que, *ao optar não pela eliminação, mas pela revisão do conceito de gênero, Bakhtin se distancia da escala hierárquica e define gêneros como fenômenos de pluralidade, nunca algo forjado*

---

[18] TRAVAGLIA Luiz Carlos (org.), p. 58. A autora remete para outro texto dela: *Gêneros do discurso e gêneros e gêneros textuais*: questões teóricas e aplicadas.In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH,D. (orgs.). 2005.

[19] In: FARACO, TEZZA, CASTRO, et.al. (org.), p. 234.

por classificações. Assim, provisoriamente, talvez se possa dizer que a denominação *gêneros discursivos* (ou do discurso) procede sempre de teorias que focam, prioritariamente, o discurso; a outra, de estudos que têm como objeto o texto. Importa, no entanto, observar que uma e outra ultrapassam o fenômeno meramente lingüístico materializado em textos para considerar o fenômeno social da interação verbal, os fatores constituintes desse fenômeno, as formas pelas quais os sujeitos interagem, enfim, o contexto extraverbal das enunciações.

Em relação aos fatores que contribuem para o surgimento e transformação de gêneros, há que se considerar a influência das tecnologias e dos suportes de veiculação. Segundo Marcuschi[20], o fato de presenciarmos, em plena fase da denominada *cultura eletrônica*, uma explosão de novos gêneros e novas formas de comunicação, tanto na oralidade como na escrita, *é revelador do fato de que os gêneros textuais surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem. Caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades lingüísticas estruturais*. O autor diz serem de difícil definição formal, devendo ser contemplados em seus usos e condicionamentos sócio-pragmáticos caracterizados como práticas discursivas.

Marcuschi salienta que não são propriamente as tecnologias que originam os gêneros e sim a intensidade dos usos dessas tecnologias e suas interferências nas atividades comunicativas diárias. Assim, os grandes suportes tecnológicos da comunicação – o rádio, o jornal, a revista, a internet – criam condições para que, a partir da ancoragem em gêneros já existentes, surjam formas novas que são abrigadas por esses suportes. Marcuschi[21] ainda destaca que, embora os gêneros textuais não se caracterizem nem se definam por aspectos formais, sejam eles estruturais ou lingüísticos, e sim por aspectos sócio-comunicativos e funcionais, não significa desprezo à forma. Segundo o autor, em muitos casos é a própria forma ou o ambiente em que aparecem os textos que determinam o gênero.

Gêneros discursivos e ensino

---

[20] MARCUSCHI. In: DIONÍSIO A. P.; MACHADO, A. R. E BEZERRA, M. A. (orgs.), p. 20.
[21] Op. cit. p. 21.

Para pensar a contribuição de um estudo que tem por objeto os gêneros discursivos (ou textuais), talvez se deva eleger em primeiro lugar a esfera escolar, porque, como estudiosos da área vêm revelando através de pesquisas, há ainda um descompasso entre o que se produz na escola e o que a atuação social extra-escolar exige em termos de formas de interação. No artigo *O texto como unidade e o gênero como objeto de ensino de Língua Portuguesa,* Rojo[22] diz que o acesso ao poder, no mundo contemporâneo, se dá pela agilidade, criatividade, flexibilidade, rapidez, adequação de estilo, discurso persuasivo. Trata-se da apropriação dos escritos para serem usados como instrumentos de ação, e isso é novo para a escola, diz Rojo.

Seguindo essa linha de pensamento, Bazerman[23] diz que *para promover os interesses da cidadania, precisamos ficar de olho nas formas cambiantes de vida pelas quais a pólis continuamente fala e se inscreve na vida e pelas quais se tornam cidadãos através da fala e da escrita*. A emergência das tecnologias colocada a serviço da globalização e da re-estruturação cultural das sociedades exige novos letramentos e a escola precisa assumir essa responsabilidade. A satisfação dessa exigência não pode depender apenas do conhecimento produzido pela pesquisa acadêmica. A dinâmica das práticas interativas demanda um fazer pedagógico mais atento às novas exigências do qual possam resultar saberes que, socializados, contribuam para atender à especificidade das interações verbais.

No dizer de Goffard, referido por Rojo, no artigo já citado, 'o mundo da escrita não abre generosamente suas portas': *ao contrário tem colocado cérberos em suas fronteiras para desencorajar seus visitantes. Para ajudar os alunos a cruzarem as fronteiras é preciso organizar uma iniciação que diga respeito a todos os campos da vida humana.* Uma compreensão ampla de gêneros como formas de ação que decorrem dos diferentes campos de atuação parece, pois, indispensável na formação do professor. Não se pode conceber mais um ensino embasado apenas no exercício estanque das seqüências textuais que entram na composição dos gêneros, descrição, narração, dissertação, com as quais a escolas têm se ocupado durante muito tempo. A variedade e dinamicidade das formas de linguagem verbal escrita têm que fazer parte do cotidiano do processo de

---

[22] In: TRAVAGLIA (org.), p. 55-56.
[23] BAZERMAN (a), 2006, p. 129.

ensino-aprendizagem, porque os usos da escrita, segundo Marcuschi[24], *quando arraigados numa sociedade, impõem-se com uma violência inusitada e adquirem um valor social até superior à oralidade*.

Pelos estudos realizados e pelas evidências do descompasso atual entre formação lingüística escolar e demandas de uma sociedade tecnologizada, parece não restar outra opção à escola a não ser reestruturar seus programas e rever estratégias de ensino e aprendizagem para poder dar conta das exigências dos diferentes níveis de letramento, que vão da apropriação dos gêneros discursivos que circulam no universo social mais próximo do aluno ao domínio das formas verbais mais complexas, inclusive das multissemióticas que os avanços tecnológicos têm possibilitado. Há todo um universo de signos ideológicos não verbais sendo explorado pelas diferentes mídias. São imagens, formas, cores, movimentos, sons, e tantos outros, que são selecionados para produzir, com ou sem o signo verbal, sentidos e efeitos de sentido. Mas o poder da escrita, ao contrário do que se poderia pensar, não enfraquece com a criação dessas outras tantas formas de significar, nem com as novas tecnologias que lhe servem de suporte. No entanto, para que esse poder não continue uma maneira de subjugar, a escola deve estar atenta a todos os modos de interação e investir fortemente em letramentos múltiplos e críticos. A apropriação de gêneros que promovem a inserção e a interação em diferentes esferas da atividade humana deve significar a instrumentalização para a vida e para a conquista da cidadania.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. (V.N.Volochínov). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na Ciência da Linguagem. 9ª. ed. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1999.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal.* Trad. Maria Ermantina Galvão Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BRAIT, Beth (org.) *Bakhtin*: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.

[24] MARCUSCHI. 2004, p. 17.

BAZERMAN, Charles (a). *Gêneros Textuais, Tipificação e Interação*. 2a. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

BAZERMAN, Charles (b). *Gênero, Agência e Escrita*. São Paulo: Cortez, 2006

BENVENISTE, E. *Problemas de Lingüística Geral I*. Campinas, São Paulo:Pontes, 1995.

BENVENISTE, E. *Problemas de Lingüística Geral II*. Campinas, São Paulo:Pontes, 1989.

DIONÍSIO A. P.; MACHADO, A. R. E BEZERRA, M. A. (orgs.) *Gêneros textuais e ensino*. 3. ed.. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

FARIA, Isabel Hub, PEDRO, Ribeiro E. et al (orgs). *Introdução à Lingüística Geral Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 1996.

FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. et. al.(orgs.). *Diálogos com Bakhtin.* Curitiba: Ed. UFPR, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita*. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH,D. (orgs). *Gêneros:* teorias, métodos e debates. São Paulo: Parábola, 2005.

MIRA MATEUS, M.H. M et.al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Almedina, 1983.

NEVES, Maria Helena de Moura. Gêneros, ontem, hoje e sempre. IN: GOMES, L. da Silva; GOMES, N. M.T. (org.). *Aprendizagem de língua e literatura*: gêneros & vivências de linguagem. Porto Alegre, Ed. UniRitter, 2006, 53-82. (Série Experiência Acadêmica, n. 5).

ROJO, Roxane. O texto como unidade e o gênero como objeto de ensino de Língua Portuguesa. In: TRAVAGLIA Luiz Carlos (org.). *Encontro na linguagem*: estudos lingüísticos e literários. Uberlândia: EDUFU, 2006, p.p. 51-80.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. 8a.ed. São Paulo: Cultrix, 1969.